A Balsa

Stephen King

S ão uns sessenta e cinco quilômetros, da Universidade Horlicks, em Pittsburgh, até o Lago Cascade, e embora em outubro escureça cedo nessa parte do mundo, e apesar deles só partirem às seis horas, ainda havia uma ligeira claridade no céu quando chegaram lá. Tinham ido no Camaro de Deke. Deke não perdia tempo, se estava sóbrio. Após duas cervejas, fazia o Camaro caminhar e falar.

Ele mal havia parado o carro junto à cerca de estacas, entre o pátio de estacionamento e a praia, quando saltou para o chão e tirou a camisa. Seus olhos esquadrinhavam a água, à procura da balsa. Randy saiu do banco ao lado do motorista, algo relutante. A idéia tinha sido sua, claro, porém nunca esperara que Deke a levasse a sério. As garotas se remexiam no banco traseiro, preparando-se para descer.

Os olhos de Deke perscrutaram as águas incessantemente, de um lado para outro (olhos de atirador de tocaia, pensou Randy, desconfortavelmente), e então se fixaram em um ponto.

- Está lá! - gritou, dando um tapa no capô do Camâro. - Bem como você disse, Randy! Que barato! O último a chegar é um ovo podre!

- Deke... - começou Randy.

Recolocava os óculos no nariz, mas isso foi tudo com que preocupar-se, porque Deke já pulava a cerca e descia correndo para a praia, sem se virar para trás, sem olhar para Randy, para Rachel ou LaVerne, concentrado apenas na balsa, ancorada no lago, a uns cinqüenta metros da margem.

Randy se virou, como se desculpando com as garotas por envolvê-las naquilo, mas elas

olhavam para Deke -que Rachel olhasse para ele, tudo bem, porque era a namorada de Deke, mas LaVerne também o olhava, de modo que Randy sentiu uma quente e momentânea fagulha de ciúme, que o obrigou a movimentar-se. Despojou-se de sua camisa de malha para atletismo, deixou-a cair ao lado da de Deke e saltou a cerca.

- Randy! - chamou LaVerne.

Ele apenas estirou o braço naquele cinzento ar de crepúsculo de outubro, em um gesto de "vamos", odiando-se um pouco por agir assim -ela agora estava insegura, talvez pronta para desistir. A idéia de uma sessão de natação em outubro, no lago deserto, não havia sido apenas parte de uma bem iluminada reunião para conversa fiada no apartamento que ele e Deke não partilhavam mais. Randy gostava dela, porém Deke era mais forte. E uma ova, se La Verne não estava caída por Deke, uma droga, aquilo ser irritante.

Deke abriu o cinto do jeans, ainda correndo, deixando as calças descerem pelas coxas esguias. Conseguiu livrarse delas no trajeto, sem parar para isso, uma

façanha que Randy não conseguiria imitar em mil anos. Deke continuou correndo, agora apenas de sunga, os músculos das costas e nádegas funcionando harmoniosamente. Randy ficou mais do que consciente de suas canelas finas, quando arriou sua Levi's e desajeitamente a sacudiu dos pés. Com Deke, parecia balé, com ele, era burlesco.

Deke chegou à água e deu um berro.

- Está gelada! Deus do céu!

Randy hesitou, mas apenas em pensamento, onde as coisas demoravam mais -aquela água deve estar a nove graus, dez no máximo, disse sua mente. Seu coração poderia parar. Ele cursava o pré-médico, sabia que isso era verdade... mas, no mundo físico, não vacilou, em absoluto. Saltou para a água e, por um momento, seu coração parou ou assim pareceu; a respiração congelou-se na garganta e ele precisou forçar a entrada de ar nos pulmões, enquanto sua pele submersa ficava entorpecida. Isto é loucura, pensou, e depois: Bem, a idéia_foi sua, Pancho. Começou a nadar na esteira de Deke.

As duas garotas entreolharam-se por um momento. LaVerne deu de ombros e sorriu.

- Se eles podem, nós também podemos! - exclamou, tirando sua blusa Lacoste e revelando um sutiã quase transparente. - Não dizem que as mulheres têm uma camada extra de gordura?

Em seguida, ela pulava a cerca e corria para a água, desabotoando as calças de brim. Rachel a seguiu um momento depois, mais ou menos como Randy havia seguido Deke.

As garotas tinham chegado ao apartamento pelo meio da tarde. Às terças-feiras, a aula de uma da tarde era a última que todos eles tinham. Chegara a mesada de Deke - um dos ex-alunos, maníaco por futebol (os jogadores os chamavam de "anjos") providenciava para que ele recebesse duzentos dólares mensais em dinheiro - havia uma embalagem de cerveja na geladeira e um álbum novo - Night Ranger - no surrado estéreo de Randy. Os

quatro ficaram batendo papo e bebendo alegremente. Após algum tempo, a conversa girou para o final do prolongado veranico que estavam desfrutando. O rádio previa rajadas de vento para a quarta-feira. LaVerne opinou que meteorologistas prevendo rajadas geladas em outubro deviam ser liquidados a tiros, e ninguém discordou.

Segundo Rachel, os verões pareciam durar para sempre quando ela era criança, mas agora que se tornara adulto ("uma tremelicante senil de dezenove anos", brincou Deke, e ela lhe chutou o tOITlo7el0), eles ficavam cada vez mais curtos, de ano para ano.

- Era como se eu tivesse passado a vida inteira no Lago Cascade - falou, cruzando o gasto linóleo da cozinha, até a geladeira. Vistoriou o interior, encontrou uma lata de cerveja escondida atrás de uma pilha de caixas azuis de plástico para guardar alimentos (a do meio continha um chili quase pré-histórico, agora espessamente orlado de mofo - Randy era um bom aluno e Deke um bom jogador de futebol, mas nenhum dos dois valia nada, em se tratando de serviços domésti-

cos) e apoderou-se dela. - Ainda me lembro da primeira vez em que consegui nadar toda a distância até a balsa. Fiquei lá quase duas horas, apavorada, com medo de nadar para a margem.

Sentou-se junto a Deke, que passou um braço em torno dela. Rachel sorriu, recordando. De repente, Randy achou-a parecida com alguém famoso ou quase famoso. Não conseguia encaixar a semelhança. Lembrar-se-ia mais tarde, em circunstâncias menos agradáveis.

- Por fim, meu irmão teve que me rebocar com uma bóia. Puxa, ele ficou louco da vida! E eu tive uma queimadura de sol, que ninguém acreditaria...

- A balsa continua lá - falou Randy, mais para dizer alguma coisa.

Percebia que LaVerne estava olhando outra vez para Deke; aliás, ultimamente ela vinha olhando bastante para ele. Agora, no entanto, era para Randy que olhava.

- Já é quase o Dia das Bruxas, Randy. A praia do Cascade esteve fechada desde o Dia do Trabalho.

- Ainda assim, provavelmente a balsa continua lá - disse Randy. - Faz umas três semanas, estivemos na outra margem do lago, em uma excursão geológica de campanha, e eu a vi. Era como... - Ele deu de ombros. - Como algo no verão, que alguém esqueceu de limpar e guardar no armário, até o ano seguinte.

Randy pensou que achariam engraçado o que dissera, mas ninguém riu -nem mesmo Deke.

- Só porque a balsa estava lá o ano passado, não significa que ainda estejadisse LaVerne.

- Falei nisso a um cara -disse Randy, terminando sua cerveja. - Billy DeLois, lembra-se dele, Deke?

Desce assentiu.

- Jogava como segundo reserva, até machucar-se.

- Certo, acho que sim. De qualquer modo, ele era de lá e contou que os caras donos da praia só a tiravam de lá, quando o lago estava quase congelado. Pura preguiça-pelo menos, foi o que ele disse. Contou que certo ano esperaram tanto, que a balsa ficou bloqueada pelo gelo.

Randy se calou, recordando a aparência da balsa, ancorada no lago - um quadrado brilhante de madeira branca, em toda aquela brilhante água azul do outono. Evocou o som das barricas sob ela - aquele som flutuante de clonk-clonk - que havia chegado até eles. Era um som suave, mas os sons viajam bem no ar imóvel em torno do lago. Houvera esse som e o de corvos grasnando sobre os remanescentes da colheita na horta de algum fazendeiro.

- Vai nevar amanhã-disse Rachel, levantando-se, quando a mão de Deke deslizou, quase alheada, para a curvatura superior de seu busto. Foi até a janela e espiou para fora. - Que droga!

- Pois eu sugiro uma coisa - disse Randy. - Vamos até o Lago Cascade. Nadamos até a balsa, dizemos adeus ao verão e depois nadamos de volta.

Se não estivesse meio alto, jamais teria feito a sugestão e, certamente, não esperava que ninguém o levasse a sério. Deke, no entanto, exultou ao ouvi-lo.

- Boa pedida! Chocante, Pancho! Pra lá de chocante! - explicou ele. LaVerne levantou-se subitamente, derramando sua cerveja. Contudo, ela sorriu -o sorriso que deixava Randy um pouco preocupado. - Iremos até lá!

- Você é louco, Deke -disse Rachel, também sorrindo, mas o riso era algo forçado e inquieto.

- Nada disso, nós vamos lá! - exclamou Deke.

Excitado, mas temeroso ao mesmo tempo, Randy reparou no sorriso de Deke - inquieto e um pouco louco. Já fazia três anos que eles dividiam o mesmo quarto - o Atleta e o Cérebro, Cisco e Pancho, Batman e Robin -e Randy identificava aquele sorriso. Deke não estava brincando; resolvera mesmo ir ao lago. Em sua cabeça, já estava quase lá.

Esquece isso, Cisco-comigo, não. As palavras lhe chegaram aos lábios, mas antes de pronunciá-las, LaVame já se tinha levantado, com a mesma expressão prazeirosa e amalucada nos olhos (ou talvez fosse cerveja em excesso).

- Pois eu topo! - exclamou ela.

- Então, a caminho! - Deke olhou para Randy - O que acha, Pancho?

Randy se virou para Rachel por um momento e viu qualquer coisa de quase frenético em seu olhar - no que lhe dizia respeito, Deke e La Verme poderiam ir para o Lago Cascade e lá ficarem transando a noite inteira; não se alegraria sabendo que os dois estariam trepando como loucos, mas tampouco se surpreenderia. Contudo, aquela expressão no olhar de Rachel, aquele ar obcecado...

- Ohhh, Ciisco! - exclamou.

- Ohhh, Pancho! - gritou Deke, delicado

Um bateu na palma do outro.

Randy estava a meio caminho para a balsa, quando avistou a mancha negra na água. Ficava além da balsa, mais para a esquerda, na direção do meio do lago. Cinco minutos mais tarde, a claridade do entardecer não lhe teria deixado perceber se ali havia algo mais que uma sombra... se chegasse a vê-Ia, afinal. Mancha de óleo? pensou, ainda avançando com dificuldade na água, vagamente cônscio das garotas dando braçadas mais atrás. De qualquer modo, o que estaria fazendo uma mancha de óleo em um lago, naquele outubro deserto? Aliás, ela era estranhamente circular, pequena, não tendo mais de metro e meio de diâmetro...

- Uaaaan! - tornou a gritar Deke, e Rendy olhou em sua direção. Ele subia a escada na lateral da balsa, sacudindo a água como um cão. - Como está se saindo, Pancho?

- Tudo bem! - gritou Randy, nadando com mais vigor.

Em verdade, a coisa não estava tão ruim como imaginara, pelo menos, depois de entrar na água e começar a mover-se. Seu corpo formigava de calor e agora seu motor estava em alta velocidade. Podia sentir o coração batendo com força, aquecendo-o de dentro para fora. Seus pais tinham uma casa em Cape Cod e, lá, a água era mais fria do que aquela, em meados de julho.

- Se acha que agora está ruim, Pancho, espere só até sair! - gritou Deke alegremente.

Estava dando pulos, fazendo a balsa balançar-se, enquanto friccionava o corpo. Randy esqueceu a mancha de óleo, até suas mãos tocarem a áspera madeira pintada de branco da escada virada para a praia. Então, tornou a vê-Ia. Estava um pouco mais perto. Uma mancha redonda e escura na água, como uma enorme verruga, subindo e descendo com as ondas mansas. Quando a vira pela primeira vez, a mancha estaria a uns quarenta metros da balsa. Agora, estava a metade dessa distância.

Como é possível? Como...

Então, saiu da água e o ar frio mordiscou-lhe a pele, mordiscou-o ainda com mais vigor do que a água, quando nela mergulhara.

- Ohhhhhh, merda! - gritou, rindo e tiritando em sua sunga.

- Pancho, tu eres um moleirão! - exclamou Deke, satisfeito. Ajudou-o a subir para a

balsa. - Está frio demais pra você? Tudo bem?

- Tudo bem comigo! Tudo bem comigo!

Randy começou a pular como Deke havia feito, cruzando os braços sobre o peito e estômago, em um X. Os dois se viraram para as garotas. Rachel ultrapassara LaVerne, esta exibindo um estilo cachorrinho, executado por um cão de maus instintos.

- As senhoritas estão bem? - gritou Deke.

- Vá para o inferno, Senhor Machão! - gritou LaVerne.

Deke não a importunou mais. Randy olhou para o lado e viu que a curiosa mancha escura e circular estava agora mais próxima -agora a dez metros e ainda aproximando-se. Flutuava na água, redonda e circular, como o topo de um grande latão de aço, porém a maneira frouxa como se movia deixava perceber que não era a superfície de um objeto sólido. O medo, errante, mas poderoso, tomou conta dele.

- Nadem! - gritou para as garotas.

Abaixou-se para agarrar a mão de Rachel, assim que ela chegasse. Ajudou-a a subir. Ela bateu um joelho na madeira, com força - ele ouviu o baque distintamente.

- Ai! Puxa, o que...

LaVerne ainda estava a uns três metros de distância. Randy tornou a olhar para o lado e viu a coisa redonda colidir com o outro lado da balsa. Era escura como petróleo, mas Randy tinha certeza de que não se tratava de petróleo - parecia escura demais, espessa demais, regular demais.

- Randy, isso doeu! O que está fazendo, querendo divertir-se...

- LeVerne! Nade! - gritou ele.

Agora não era apenas medo; era terror. LaVerne ergueu os olhos, talvez não captando o horror, mas ouvindo a pressa. Pareceu confusa, mas intensificou seu estilo cachorrinho, encurtando a distância para a escada.

- 0 que há com você, Randy? - perguntou Deke.

Randy olhou novamente para o lado e viu a coisa dobrar-se em torno do canto quadrado da balsa. Por um momento, ela pareceu a imagem de um troglodita, de boca aberta para comer biscoitos eletrônicos. Depois deslizou em volta de todo o canto e começou a escorregar ao longo da balsa, com uma de suas bordas agora reta.

- Ajude-me a içá-la! -grunhiu Randy para Deke, estendendo o braço para LaVeme. - Depressa!

Deke deu de ombros despreocupadamente e pegou a outra mão da garota. Os dois a

puxaram para cima, colocando-a na superfície de tábuas da balsa, apenas segundos antes da coisa negra deslizar junto à escada, os lados encovando-se, como se deslizasse por sobre os degaus.

- Você ficou louco, Randy? - perguntou LaVerne.

Estava sem fôlego, um pouco amedrontada. Seus bicos dos seios eram claramente visíveis através do sutiã, espetando o tecido em pontas duras e frias.

- Aquela coisa - disse Randy, apontando. - O que será, Deke?

Deke localizou-a. Tinha chegado ao canto esquerdo da balsa, de onde escorregara um pouco para um lado, reassumindo o formato redondo. Parecia apenas flutuar ali. Os quatro olharam para a mancha.

- Acho que é uma mancha de óleo - disse Deke.

- Você realmente machucou meu joelho - queixou-se Rachel, olhando a coisa escura sobre a água e depois se virando para Randy. - Você...

- Não é uma mancha de óleo - disse Randy. - Já viu uma mancha de óleo redonda? Isso é qualquer outra coisa.

- Nunca vi uma mancha de óleo em minha vida - replicou Deke. Falava com Randy, mas olhava para La Veme. As calcinhas dela eram quase tão transparentes como o sutiã, o delta de seu sexo claramente esculpido em seda, cada nádega um teso crescente. - Aliás, nem mesmo acredito nelas. Eu sou do Missouri.

- Vou ficar esfolada - disse Rachel.

A raiva, contudo, desaparecera de sua voz. Tinha visto Deke olhando para La Verne.

Puxa, estou com frio - disse LaVeme, toda arrepiada.

- Essa coisa estava atrás das garotas - disse Randy.

- Ora, vamos, Pancho! Não disse que estava tudo bem com você?

- Ela queria as garotas - repetiu ele, teimosamente, e pensou: Ninguém sabe que estamos aqui. Absolutamente ninguém.

- Já viu uma mancha de óleo, Pancho? - perguntou Deke.

Passara o braço pelos ombros nus de LaVeme, quase da mesma forma alheada com que tocara o seio de Rachel, horas antes. Não tocava o seio de La Veme -de qualquer modo, ainda não - porém sua mão estava próxima. Randy decidiu que pouco lhe importava, de um jeito ou de outro. Aquela mancha negra e circular na água. Aquilo, sim, o deixava preocupado.

- Vi uma no Cape, fez quatro anos - respondeu. - Todos nós retiramos aves das ondas e tentamos limpá-las...

- Ecológico, Pancho - disse Deke, aprovadoramente. - Muito ecológico, yo creo.

- Era uma coisa enorme, um negócio pegajoso, estendendo-se por cima de toda a água. Em tiras e pequenos salpicos. Nada tinha de parecido com isso aí. Entenda, não era compacta.

Tinha um formato acidental, ele queria dizer. Esta coisa aqui nada tem de acidental; parece algo com objetivos definidos.

- Quero voltar agora - disse Rachel.

Ainda Olhava para Deke e LaVerne. Randy leu a mágoa em seu rosto. Tinha certeza de que Rachel não percebia a transparência de sua expressão.

- Pois então, vá - disse LaVerne.

Havia um arem seu rosto -a clareza do triunfo absoluto, pensou Randy e, se tal idéia parecia pretensiosa, também parecia exatamente correta. A expressão não era dirigida expressamente a Rachel... mas tampouco LaVerne procurava escondê-la de outra garota.

Ela se moveu um passo para Deke; um passo, era tudo que havia. Agora, os quadris de ambos se tocaram ligeiramente. Por um rápido momento, a atenção de Randy desviou-se da coisa flutuante na água e concentrou-se em LaVeme, com um ódio quase curioso. Embora nunca houvesse agredido uma garota, naquele momento a esbofetearia com real prazer. Não porque a amasse (ficara um pouco caído por ela, sem dúvida, também mais do que um pouco sequioso dela, sem dúvida, e bastante enciumado quando a vira começando a ir com Deke para o apartamento. Claro que ficara, mas em primeiro lugar, nunca levaria umá garota a quem realmente amasse, a menos de vinte e cinco quilômetros de distância de Deke), mas por conhecer aquela expressão no rosto de Rachel -qual a sensação daquilo por dentro.

- Estou com medo - disse Rachel.

- Medo de uma mancha de óleo? - perguntou LaVerne, incrédula.

Depois ela riu. A vontade de esbofeteá-la tornou a crescer dentro de Rartdy apenas girar a palma aberta no ar e atingi-Ia, acabar com aquela expressão de nojenta grandiosidade em seu rosto e deixar-lhe na bochecha uma marca que teria o formato de uma mão.

- Pois eu gostaria de vê-Ia nadar até a margem - disse Randy.

LaVeme sorriu indulgentemente para ele.

- Ainda não estou com vontade - respondeu, como se falasse a uma criança. Olhou para o céu, depois para Deke. - Quero ver as estrelas saírem.

Rachel era uma jovem baixinha e bonita mas, para uma garota, tinha um jeito ligeiramente inseguro, que fazia Randy pensar nas de Nova York - a gente as vê apressando-se para o trabalho pela manhã, usando suas elegantes saias com fendas na frente ou bem altas em um lado, com a mesma expressão graciosa. Os olhos de Rachel estavam sempre brilhantes, mas seria difícil definir se era a animação que lhes emprestava aquela vivacidade ou apenas uma ansiedade flutuando livremente.

Em geral, as preferências de Deke eram para garotas altas, de cabelos escuros e olhos tendendo para negros. Randy percebeu que agora nada existia entre Deke e Rachel - o que quer que tivesse havido, algo simples e talvez um pouco entediado por parte dele, era profundo, complicado e possivelmente doloroso para ela. Terminara, tão nítida e subitamente, que Randy quase ouviu o estalo: um som como um graveto seco, sendo quebrado com o joelho.

Ele era um rapaz tímido, mas decidiu aproximar-se de Rachel e passou um braço em torno dela. Ela o fitou brevemente,.o ar infeliz, mas grato por seu gesto. Randy ficou satisfeito, por haver melhorado um pouco a situação dela. A similaridade flutuou de novo em sua mente. Algo no rosto de Rachel, em sua expressão...

Associou-o o primeiro a espetáculos de jogo na TV, depois a comerciais para biscoitos, bolos, qualquer droga de coisa assim. Então lhe ocorreu -ela parecia Sandy Duncan, a atriz que atuara na reapresentação de PeterPan, na Broadway.

- O que é aquela coisa? - perguntou ela. - O que é, Randy?

- Não sei.

Randy se virou para Deke e o viu fitando-o com aquele sorriso familiar, no qual havia mais companheirismo do que raiva... mas havia raiva nele, também havia. Talvez Deke nem mesmo se desse conta disso, mas havia. A expressão dizia Lá está o velho Randy, sempre preocupado com ninharias e estragando tudo outra vez. Presumivelmente, isso faria Randy murmurar um acréscimo - Vai ver, não é nada. Não se preocupe com isso. A coisa acabará indo embora daqui. Qualquer coisa assim. Ele não a acrescentou. Que Deke sorrisse. A mancha negra na água o assustava. Essa era a verdade.

Rachel afastou-se de Randy e ajoelhou-se recatadamente na quina da balsa mais próxima da coisa e, por um momento, ela provocou uma associação de lembranças ainda mais clara: a garota nos rótulos de White Rock. Sandy Dnncan nos rótulos de White Rock, corrigiu sua mente. Seus cabelos, cortados curtos e de uma tonalidade ligeiramente alourada, jaziam assentados e molhados contra o crânio belamente conformado. Podia ver as covinhas arrepiadas em suas omoplatas, acima da faixa branca do sutiã.

- Não vá cair, Rache - disse LdVeme, com visível malícia.

- Pare com isso, LaVeme - disse Deke, ainda sorrindo.

Randy desviou os olhos dos dois, em pé no meio da balsa, um com o braço frouxamente em torno da cintura do outro, os quadris se tocando de leve. Tornou a fitar Rachel. O

alarme desceu velozmente por sua espinha e através de seus nervos como fogo. A mancha negra diminuíra em metade a distância entre ela e a quina da balsa onde Rachel, de joelhos, a observava. Antes, eram dois, dois metros e meio. Agora, a distância era de um metro ou menos. Randy captou a expressão estranha nos olhos da garota, uma total opacidade circular, singularmente semelhante a 'total opacidade circular daquela coisa na água.

Agora é Sandv Duncan sentada em um rótulo de White Rock, fingindo-se hipnotizada pelo suculento, delicioso sabor dos Biscoitos de Mel Nabisco, pensou

ele, idiotamente. Seu coração aumentou as batidas, como acontecera antes na água, e então gritou:

- Saia daí, Rachel!

Depois, tudo aconteceu muito depressa - as coisas aconteceram com a rapidez de fogos de artifícios explodindo. No entanto, ele viu e ouviu cada coisa, com perfeita e infernal clareza. Cada coisa parecia presa em sua própria e diminuta cápsula.

La Verne riu. No pátio, em uma hora luminosa da tarde, soaria como o riso de qualquer garota universitária, mas ali, na crescente escuridão, mais parecia o árico cacarejo de uma feiticeira, remexendo poções no caldeirão.

- Rachel, talvez seja melhor você... - começou Deke.

Ela o interrompeu então, quase segura de si pela primeira vez na vida e, indubitavelmente, pela última.

- Isso tem cores! - exclamou ela, em um tom de absoluta admiração. Seus olhos fixavam-se na mancha negra em cima da água, com opaca euforia, e por um instante apenas, Randy julgou ter visto o que ela apontava - cores, isso mesmo, cores girando em vivas espirais que se contorciam para o centro. Desapareceram em seguida, restando apenas aquele negrume fosco e sem brilho. - Que parece cores mais lindas!

- Rache/!

Ela estendeu o braço para a coisa - espichando-o e abaixando-o - seu braço alvo e marmorizado pelos arrepios. Esticou-o, querendo tocar, e Randy notou que Rachel roera as unhas até o sabugo.

- Ra...!

Sentiu a balsa oscilar na água, quando Deke se moveu em direção a eles. Randy inclinou-se para Rachel ao mesmo tempo, querendo puxá-la e vagamente cônscio de não desejar que Deke fizesse isso.

A mão de Rachel já tocava a água- seu indicador apenas, formando delicados círculos concêntricos na superfície -e a mancha negra avançou para aquele ponto. Randy ouviu Rachel ofegar e, de repente, a opacidade lhe abandonou os olhos, substituída por agonia.

A substância negra e viscosa subiu pelo braço dela como lodo... e, por baixo, Randy viu a pele de Rachel dissolver-se. Ela abriu a boca e gritou. Ao mesmo tempo, inclinou-se para diante. Agitou cegamente a outra mão para Randy, e ele tentou segurá-la. Os dedos de ambos de roçaram. Os olhos dela encontraram os dele, e Rachel ainda mostrava uma infernal semelhança com Sandy Duncan. Depois ela caiu para diante, estatelando-se na água.

A coisa negra fluiu para o ponto em que ela caíra.

- O que aconteceu? -gritava LaVerne, atrás deles. -O gtre aconteceu? Ela cair? O que houve com ela?

Randy fez menção de mergulhar atrás dela, mas Deke o puxou para trás, quase sem esforço.

- Não! -exclamou ele, em uma voz amedrontada, como jamais acontecera.

Os três a viram emergir. Seus braços levantaram-se, agitando-se - não, não eram braços. Um braço. O outro estava coberto por uma membrana negra, que pendia em fiapos e dobras de algo vermelho e entretecido com tendões, algo que parecia um pedaço redondo de rosbife.

- Socorro.' - gritou Rachel.

Seus olhos arregalados fixaram-se neles, desviaram-se, fixaram-se novamente, tornaram a desviar-se... eram como lanternas agitadas desordenadamente no escuro. Ela bateu na água, formando espuma.

- Socorro! Como dói! Por, ¡av°or, socorro! COMO DOÍ, COMO DOOÓl...

Randy teria caído, quando Deke o puxou. Levantando-se das tábuas da balsa, caiu para diante outra vez, incapaz de ignorar aquela voz. Tentou saltar, e Deke o agarrou, passando seus braços musculosos pelo tórax magro do outro.

- Não, ela está morta - sussurou rispidamente. - Céus, será que não vê isso? Ela está morta, Pancho!

Uma espessa cor negra espraiou-se subitamente pelo rosto de Rachel, como

um lençol, primeiro sufocando seus gritos, depois cortando-os inteiramente. Ago

ra, a coisa negra começou a enrolá-la em cordas entrecruzadas. Randy pôde vê

las, afundando na pele de Rachel como ácido. Quando sua jugular se rompeu, es

guichando um jato escuro, ele viu a coisa enviar um pseudópodo em direção ao

sangue que escapava. Não podia acreditar no que via Í, não podia entender... mas

era a pura realidade, não uma sensação de estar perdendo o juízo, nenhuma im

pressão de que estivesse sonhando ou fosse vítima de uma alucinação.

LaVeme gritava. Randy se virou, em tempo de vê-Ia tapar os olhos melodramaticamente com uma das mãos, parecendo uma heroína de filme mudo. Pensou que ia rir e dizer-lhe o que imaginara, mas constatou que não conseguia emitir nenhum som.

Tornou a olhar para Rachel. Praticamente, ela não estava mais lá.

Suas contorções haviam diminuído, a ponto de não passarem de espasmos. O negrume espojou-se sobre ela - agora maior, pensou Randy, está maior, não há a menor dúvida - com silenciosa e muscular força. Viu a mão de Rachel agitar-se contra aquilo; viu a mão começar a ficar presa, como que aderida a melaço ou papel pega-moscas; viu-a desaparecer. Agora, havia apenas um senso das formas dela, não na água, mas na coisa preta, não se virando, mas sendo virada, a forma se tornando menos e menos identificável, um lampejo branco - ossos, pensou nauseado, e virou o rosto, vomitando inapelavelmente por sobre uma borda da balsa.

LaVerne ainda gritava. Houve então um plá¡t! surdo, e ela parou de gritar, começando a calmar-se.

Ele a esbofeteou, pensou Randy. Eu yríeria,/àzer isso, lembra-se?

Recuou, limpando a boca, sentindo-se fraco e nauseado. E com medo. Tão apavorado, que só conseguia pensar com uma diminuta porção da mente. Em breve, começaria também a gritar. Deke precisaria esbofeteá-lo, Deke não entraria em pânico, oh, não, Deke era mesmo um herói, sem dúvida. Você precisa ser um

herói do futebol... para arranjar garotas bonitas, cantarolava sua mente, com alegria. Então, ouviu Deke falando com ele e ergueu o rosto para o céu, tentando clarear a cabeça, tentando desesperadamente afastar a visão da forma de Rachel, tornando-se disforme e inumana enquanto a coisa negra a devorava, não querendo que Deke o esbofeteasse como esbofeteara LaVerne.

Olhou para o céu e viu que brilhavam no alto as primeiras estrelas, o formato da Ursa Maior já claro, enquanto a última luminosidade do dia desbotava no oeste. Eram quase dezenove e trinta.

- Oh, Cifsco - balbuciou. - Acho que estamos com um grande problema desta vez...

- O que é aquilo? - Sentiu a mão de Deke em seu ombro, apertando, crispando dolorosamente. - Aquela coisa a comeu, você viu? A coisa a comeu, a maldita coisa a comeu toda! O que é aquilo?

- Não sei - disse Randy. - Não lhe falei antes?

- Pois devia saber! Você é um maldito inteligente, segue todos os malditos cursos de

ciências!

Agora, era o próprio Deke que quase gritava, permitindo que Randy recuperasse um pouco mais de controle.

- Não existe nada como aquilo em todos os livros científicos que já li - ex-

plicou. - A última vez que vi algo semelhante, foi no Show de Horrores do Dia de Bruxas, no Rialto, quando tinha doze anos.

A coisa agora recuperara seu formato redondo. Flutuava sobre a água, a três metros da balsa.

- Está maior - gemeu La Verne.

Quando Randy a vira pela primeira vez, avaliara seu diâmetro em cerca de metro e meio. Agora, tinha pelo menos dois e meio.

- Está maior, porque comeu Rachel! - soluçou LaVerne, começando a gritar novamente.

- Para com isso ou eu lhe quebro o queixo - ameaçou Deke.

Ela parou - não imediatamente, mas pouco a pouco, como um disco, quando alguém desliga o aparelho, sem levantar o braço da agulha. Os olhos de LaVerne estavam esbugalhados.

Deke se virou para Randy.

- Tudo bem com você, Pancho?

- Não sei. Acho que sim.

- Rapaz... - Deke tentou sorrir e, com certo alarme, Randy viu que ele conseguia - alguma parte de Deke estaria achando aquilo divertido? - Você não tem nenhuma idéia do que tudo isso possa ser?

Randy meneou a cabeça. Talvez, afinal fosse mesmo uma mancha de óleo... ou havia sido, até ter-lhe acontecido alguma coisa. Poderia haver sido atingida por

raios cósmicos, de algum modo. Ou, talvez, Arthur Godfrey urinara poeira atômica sobre aquilo, quem sabe? Quem poderia saber?

- Será que podemos nadar contornando a coisa? -insistiu Deke, sacudindo o ombro de Randy.

- Não.' - gritou LaVerne, em voz estridente.

- Pare com isso ou acabo com você, LaVerne -disse Deke, erguendo novamente a voz. - Não estou brincando!

- Você viu com que rapidez aquilo pegou Rachel - disse Randy.

- Talvez estivesse com fome - respondeu Deke. - É possível que agora tenha perdido o apetite.

Randy pensou em Rachel, de joelhos na quina da balsa, tão quieta e bonita em seti sutiã e calcinhas. Seu pomo de Adão tornou a subir.

- Você procurou isso - falou para Deke. Deke sorriu sem vontade.

- Oh, Pancho!

- Oh, Ciiisco!

- Quero ir para casa -disseLaVerne, em um sussurro furtivo.-Está bem?

Nenhum deles respondeu.

- Acho melhor esperarmos que a coisa se vá - disse Deke. - Assim como veio, irá embora.

= Talvez - disse Randy.

Deke olhou para ele, o rosto tomado por forçada concentração, na penumbra ambiente.

- Talvez? O que é essa merda de talvez?

- Nós chegamos, a coisa chegou. Eu a vi chegar-como se nos farejasse. Se está saciada, como falou, irá embora. Acho. Se ainda quiser comer...

Randy deu de ombros. Deke ficou parado e pensativo, de cabeça agachada. Seus cabelos curtos ainda pingavam um pouco.

- Vamos esperar - decidiu. - Que essa coisa coma peixe!

Passaram-se quinze minutos. Eles não falaram. A temperatura esfriava. Estaria pelos dez graus e os três encontravam-se apenas com roupas de baixo. Após os primeiros dez minutos, Randy pôde ouvir o vivo, intermitente chocalar de seus dentes. La Verne tentara encostar-se a Deke, mas ele a recusara - com delicadeza, mas firmemente.

- Deixe-me sozinho agora - disse ele.

Ela ficou sentada, os braços cruzados sobre os seios, as mãos segurando os cotovelos, tiritando. Olhava para Randy, seus olhos dizendo que ele poderia voltar, passar os braços em torno dela, que tudo estava bem agora.

Ele desviou os olhos, preferindo concentrar-se no círculo escuro sobre a água. A coisa apenas flutuava ali, não se aproximando e tampouco afastando-se. Olhou para a margem

e lá estava a praia, um crescente branco e fantasmagórico, que parecia flutuar. As árvores mais atrás formavam uma volumosa e escura linha do horizonte. Randy pensou que conseguia ver o Camaro de Deke, mas não tinha certeza.

- Nós apenas decidimos e viemos - falou Deke.

- Exato - disse Randy.

- Não contamos a ninguém.

- Não.

- Portanto, ninguém sabe que estamos aqui.

- Ninguém.

- Parem com isso! - gritou LaVerne. - Parem, estão me amedrontando!

- Feche essa matraca - disse Deke, com o pensamento em outra coisa, e Randy riu, a despeito de si mesmo - pouco importava quantas vezes Deke dissesse aquilo, ele sempre achava engraçado. - Se tivermos que passar a noite aqui, passaremos. Alguém ouvirá nossos gritos amanhã. Afinal, não estamos no meio do deserto australiano, não é mesmo, Randy?

Randy não respondeu.

- Estamos?

- Você sabe onde estamos - replicou Randy. - Sabe tão bem quanto eu. Saímos da Estrada 41 e percorremos treze quilômetros em uma estrada secundária...

- Com chalés a cada quinze metros...

- Chalés de verão. Estamos em outubro. Os chalés estão vazios, a maldita maioria deles. Chegamos aqui e você tinha que contornar o maldito portão, indicadores de PROIBIDA A ENTRADA a cada quinze metros...

- E daí? Algum zelador...

Deke parecia um pouco sem jeito agora, algo desconfortável. Com um certo medo, talvez? Pela primeira vez naquela noite, a primeira vez nesse mês, nesse ano, talvez a primeira vez em toda a sua vida? Ocorreu uma idéia cretina - Deke perde a virgindade de seu medo. Randy não tinha certeza de ser isso que acontecia, mas achou que talvez fosse... e sentiu um perverso prazer nisso.

- Nada para roubar, nada para vandalizar - falou. - Se houver zeladores, talvez só apareçam por aqui duas vezes ao mês.

- Caçadores...

- No mês que vem, não duvido -disse Randy e se calou de repente, porque também estava ficando com medo.

- Talvez essa coisa nos deixe em paz -disse LaVerne. Seus lábios esboçaram um leve e patético sorriso. -Talvez ela apenas... sabem como é... nos deixe em paz.

- Os tiras... - recordou Deke.

- Está se movendo - disse Randy.

LaVerne ficou em pé bruscamente. Deke aproximou-se de Randy e, por um momento, a balsa inclinou-se. O coração de Randy galopou no peito, apavorado, enquanto LaVerne tornava a gritar. Deke recuou um pouco e a balsa estabilizouse, com a quina frontal esquerda (ao ficarem de frente para a praia) ligeiramente mais mergulhada na água do que as restantes.

A coisa aproximou-se com oleaginosa e aterradora rapidez. Enquanto se movia, Randy observou as cores que Rachel vira-fantásticos vermelhos, amarelos

e azuis, espiralando sobre uma superfície de ébano semelhante a plástico frouxo ou escura, como couro. Subia e descia com as ondas, o que modificava as cores, fazia com que se fundissem girando. Randy percebeu que ia cair pela borda, diretamente sobre a coisa, podia sentir que se inclinava...

Com a última força que lhe restava, levou o punho direito ao nariz -o gesto de um homem amortecendo a tosse, só que um pouco mais alto e com muito mais força. Seu nariz explodiu em dor, ele sentiu o sangue quente escorrendo pelo rosto. Então, conseguiu recuar, gritando:

- Não olhem para aquilo! Deke! Não o encare diretamente, as cores o deixam zonzo!

- Está querendo passar para baixo da balsa -disse Deke, com ar sombrio. - Que merda é essa, Pancho?

Randy espiou -espiou com o máximo cuidado. Viu a coisa focinhando a lateral da balsa, achatando-se no formato de meia pizza. Por um momento, pareceu empilhar-se ali, espessando-se, e ele teve uma alarmante visão daquilo ganhando consistência bastante para subir à superfície da balsa.

Então, a coisa negra espremeu-se sob ela. Randy julgou ouvir um ruído por um momento - um ruído áspero, como uma cortina de lona, das de enrolar, sendo puxada através de uma janela estreita - mas aquilo poderia ter sido produto apenas de seus nervos.

- Ela entrou debaixo da balsa? - perguntou Lã Verne, e havia algo curiosamente despreocupado em seu tom, como se fizesse o máximo esforço para conversar, mas também estava gritando. - Está debaixo da balsa? Está debaixo de nós?

- Está - respondeu Deke. Olhou para Randy. - Vou nadar até a praia, imediatamente. Se essa coisa está aqui embaixo, acho que tenho uma boa chance.

- Não! - gritou LaVerne. - Não, não nos deixe aqui, não...

- Eu sou rápido -disse Deke, olhando para Randy e ignorando La Verne inteiramente. - Só que, preciso ir enquanto ela estiver aqui embaixo.

Randy teve a sensação de que sua mente disparava em Mach dois - de uma forma ensebada e nauseante aquilo era estimulante, como os derradeiros segundos antes de sermos lançados na vertigem do passeio em um divertimento de parque de diversões barato. Havia tempo para ouvir as barricas se entrechocando ocamente debaixo da balsa, tempo para ouvir as folhas das árvores rogaçando secamente a uma pequena brisa, além da praia, tempo para perguntar-se por que a coisa tinha ido para baixo da balsa.

- Está bem - disse a Deke, - mas não Creio que você consiga.

- Conseguirei - respondeu Deke, encaminhando-se para a beira da balsa.

Deu dois passos, e então parou.

Sua respiração ganhara rapidez, o cérebro deixava o coração e os pulmões prontos para nadar os mais rápidos cinqüenta metros de sua vida, e agora sua respiração havia parado, como todo ele, simplesmente cortada no meio de uma inalação. Virou a cabeça, e Randy viu salientarem-se os tendões em seu pescoço.

Panch... -disse ele, em voz perplexa e sufocada, para então começar a

gritar.

Deke gritou com espantosa força, vigorosos gritos de barítono, que foram descendo a fantásticos níveis de soprano. Eram altos o bastante para ecoarem na praia, voltando em espectrais tons de mínimas. A princípio, Randy julgou que ele apenas gritava, mas depois percebeu que era uma palavra, duas palavras, as mesmas duas palavras, repetidas sem cessar:

- Merr pé! Meu pé! Meu pé! Meu pé!

Randy olhou para baixo. O pé de Deke apresentava uma estranha aparência rebaixada. O motivo era óbvio, porém a mente de Randy se recusava a aceitá-lo de início - era impossível demais, insamente grotesco demais. Enquanto olhava, o pé de Deke foi sendo puxado para baixo, por entre duas das tábuas que compunham a superfície da balsa.

Então, viu o brilho escuro da coisa negra, além do calcanhar e dedos do pé, um vivo brilho escuro, com malignas cores giratórias.

A coisa agarrara o pé dele. (Meu pé! gritava Deke, como que confirmando tal elementar dedução. Meu pé, oh, meu pé, meu PÉÉÉÉÉÉ!) Ele havia pisado em uma das fendas

entre as tábuas (pise em uma fenda e sua mãe o'f'enda, tagarelou a mente de Randy) e a coisa o prendera ali. A coisa tinha...

- Puxe! -gritou Randy, subitamente. -Puxe, Deke, que merda, PUXE!

- O que está acontecendo? - bradou LaVerne.

Vagamente, Randy percebeu que ela não lhe sacudia os ombros apenas afundara nele as unhas compridas como garras. LaVerne não seria de nenhuma ajuda, em absoluto. Deu-lhe uma cotovelada no estômago, ela emitiu um som semelhante a um latido, como que tossindo, e caiu sentada sobre o traseiro. Randy saltou para Deke e agarrou um de seus braços.

Era duro como mármore de Carrara, cada músculo projetando-se como a costela no esqueleto de um dinossauro esculpido. Puxar Deke era como tentar arrancar uma árvore enorme do chão, pelas raízes. Os olhos de Deke se erguiam para o púrpura-real do céu pós-crepúsculo, arregalados e incrédulos, sem que ele parasse de gritar, gritar e gritar.

Randy olhou para baixo e viu que agora o pé de Deke desaparecera na fenda entre as tábuas, até o tornozelo. Aquela fenda não teria mais do que um centímetro de largura, certamente não mais que meio centímetro, mas o pé penetrara por ela. O sangue escorria para as tábuas brancas, em espessos regatos escuros. A coisa negra, como plático aquecido, pulsava para cima e para baixo na fenda, para cima e para baixo, como um coração.

Preciso arrancá-lo. Preciso arrancá-lo depressa ou nunca chegaremos a arrancá-lo... Controle-se, Cisco, por favor, controle-se...

LaVeme levantou-se e recuou para longe da árvore-Deke, que se contorcia e gritava no meio da balsa, uma balsa que flutuava ancorada, sob as estrelas de outubro, no Lago Cascade. Ela sacudia a cabeça aturdida, os braços cruzados sobre o estômago, onde levara a cotovelada de Randy.

Deke inclinou-se pesadamente contra ele, os braços tateando às cegas. Tornando a olhar para baixo, Randy viu o sangue jorrando da canela de Deke, que agora se afinava, como se afina a ponta de um lápis - só que a ponta do lápis aqui era branca, não preta, a ponta era um osso, que quase não se divisava.

A coisa negra impeliu-se para cima de novo, sugando, comendo.

Deke uivou de dor.

Nunca mais jogará futebol com esse pé, QUE pé? Ha-ha, e ele puxou Deke com todas as forças, mas ainda era como tentar arrancar uma árvore, com raízes e tudo.

Deke pendeu novamente e agora proferiu um longo, estridente uivo, que fez Randy recuar, guinchando também, cobrindo os ouvidos. O sangue esguichava dos poros da perna de Deke; sua rótula tinha uma aparência purpúrea e intumescida, como se tentasse absorver a tremenda pressão colocada sobre ela, enquanto a coisa negra puxava a perna

de Deke para baixo, através da estreita fenda, centímetro a centímetro.

Não posso ajudá-lo. Teria que ser muito,thrte!Nito posso ajudá-lo agora, Deke, .sinto muito, Deke, .sinto tanto...

- Abrace-me, Randy! - gritou La Verne, agarrando-se a ele por todo o corpo, enterrando o rosto em seu peito. O rosto dela estava tão quente, que parecia chiar. - Abrace-me, por favor, por que não me abraça...?

Desta vez, ele a abraçou.

Só mais tarde, Randy fez a terrível constatação: eles dois, com quase certeza, teriam nadado até a margem, enquanto a coisa negra se ocupava com Deke-e se LaVerne não quisesse, ele o faria sozinho. As chaves do Camaro estavam no jeans de Deke, caído na praia. Teria conseguido... mas essa certeza só lhe chegou quando era demasiado tarde.

Deke morreu, assim que sua coxa começou a desaparecer na estreita fenda entre as tábuas. Parara de gritar agudamente minutos antes disso. Desde então, emitira apenas grunhidos roucos. Então, isso parou também. Quando ele desmaiou, caído para diante, Randy ouviu o que quer que restava do fêmur em sua perna direita, estilhaçar-se como um graveto sendo partido.

Um momento depois, Deke ergueu a cabeça, olhou em torno atordoadamente e abriu a boca. Randy pensou que ele fosse gritar novamente. Só que, em vez disso, ele lançou um grande jato de sangue, tão espesso, que era quase sólido. Randy e La Verne foram salpicados com o calor do sangue e ela começou a gritar de novo, agora roucamente.

- Utntnq! -gritou ela, o rosto contorcido em quase enlouquecida repugnância. - Unnng! Sangue! Urnnacy, sangue! Sangue!

Ela se esfregou, procurando limpar-se, mas só conseguiu espalhar mais o sangue que recebera.

O sangue fluía dos olhos de Deke, esguichando com tal força, que eles se esbugalhavam quase comicamente, pela potência da hemorragia. Randy pensou:

humano! Meu Deus! Meu Deus! Meie Deus!

O sangue jorrou dos ouvidos de Deke. Seu rosto era um hediondo nabo purpúreo, inchado e deformado pela pressão hidrostática de alguma inacreditável inversão; era o rosto de um homem apertado pelas garras de um urso, dotado de monstruosa e desconhecida força.

E então, misericordiosamente, aquilo terminou.

Deke tornou a descambar para diante, os cabelos pendendo acima das tábuas ensanguentadas da balsa. Com nauseado espanto, Randy viu que até mesmo o couro cabeludo dele sangrava.

Sons por baixo da balsa. Sons de coisa sugando.

Foi quando ocorreu à sua aturdida mente, seu cérebro sobrecarregado, que poderia ter escapado a nado, com boa chance de ter êxito. Contudo, La Veme pesava demais em seus braços, pesava como chumbo. Olhou para o rosto descomposto, ergueu-lhe uma pálpebra e viu apenas o branco de olho. Compreendeu então que ela não desmaiara apenas, mas caíra inconsciente, em estado de choque.

Randy olhou para a superfície da balsa. Podia deitá-la, naturalmente, mas as tábuas só tinham uns trinta centímetros de largura. Havia uma plataforma para mergulho que era adaptada à balsa durante o verão, mas pelo menos isso fora desmontado e guardado em algum lugar. Nada mais restava senão o próprio piso da balsa, quatorze tábuas, cada uma com trinta centímetros de largura e seis metros de comprimento. Não era possível deitá-la, deixar seu corpo sem sentidos sobre qualquer daquelas fendas.

Pise em ama fenda. e sua mãe olènda.

Cale-se.

E então, tenebrosamente, sua mente sussurrou: Vá, mesmo assim. Deite-a aí e nade para a salvação!

Contudo, ele não fez isso, não podia. Um terrível sentimento de culpa cresceu nele, a essa idéia. Abraçou-a, sentindo o peso macio e firme em seus braços e costas. Ela era uma grande garota.

Deke tombou de todo.

Randy segurava LaVerne nos braços doloridos e viu aquilo acontecer. Não queria olhar e, por longos segundos que lhe pareceram minutos, virou o rosto inteiramente. No entanto, seus olhos sempre vagavam para lá.

Com Deke morto, tudo pareceu mais rápido.

O restante de sua perna direita desapareceu. A perna esquerda estirou-se, mais e mais, até ele assemelhar-se a um dançarino de balé, com apenas uma perna à vista, fazendo uma pirueta impossível. Houve o estalar da fúrcula em sua pélvis e então, quando o estômago de Deke começou a inchar ominosamente sob nova pressão, Randy desviou os olhos por muito tempo, procurando não ouvir os sons líquidos, tentando concentrar-se na dor em seus próprios braços. Pensou que talvez poderia fazer La Veme voltar a si, mas por enquanto era melhor sentir a dor latejante nos braços e ombros. Aquilo lhe dava algo em que pensar.

Às suas costas houve um som como o provocado por enormes dentes mastigando um punhado de balas quebra-queixo. Quando olhou, as costelas de Deke penetravam pela fenda. Os braços dele estavam erguidos e distendidos. Ele parecia uma obscena paródia de Richard Nixon fazendo o V da vitória, o sinal que enlouquecera o público, nos anos sessenta e setenta.

Ele tinha os olhos abertos. A língua estirava-se para Randy.

Randy se virou de novo, ficou olhando através do lago. Procure luzes, disse a si mesmo. Sabia que por lá não haveria luzes, mas quis convencer-se disso. Procure por luzes Pias margens, alguém deve estar passando a semana em seu chalé, apreciando cr folhagem do outono, não iria perder o espetáculo, viria com sua Nikon, o pessoal e m casa adoraria as fbtos.

Quando tornou a olhar para trás, os braços de Deke estavam erguidos em linha reta. Não era mais Nixon; agora parecia um juiz de futebol, indicando que o ponto extra fora válido.

A cabeça de Deke dava a impressão de pousada nas tábuas.

Os olhos continuavam abertos.

A língua continuava espichada para fora.

- Oh, Ciisco - murmurou Randy, tornando a olhar para outro lado.

Seus braços e ombros agora gritavam, mas permaneceu segurando LaVerne nos braços. Olhou para a margem mais distante do lago. Estava totalmente escura. Estrelas salpicavam o céu negro, desenrolavam-se através dele, uma fita de leite frio, de algum modo suspensa bem alto no ar.

Os minutos passaram. Ele deve ter ido agora. Você já pode olhar. Está bem, esta hem, e a sei. Só que não vou olhar. Apenas por segurança, eu não vorr olhar. Certo' Certo. Em de finitim. Assim dizemos todos e assim todos nós dizemos.

Ele terminou olhando mesmo, apenas em tempo de ver os dedos de Deke serem puxados para baixo. Eles se moviam - provavelmente o movimento da água sob a balsa era transmitido à coisa desconhecida que agarrara Deke e esse mesmo movimento se transmitia aos seus dedos. Provavelmente, provavelmente. Contudo, a Randy parecia que Deke lhe acenava. O Cisco Kid acenando adeus. Pela primeira vez, sentiu sua mente sofrer um doentio repelão - ela pareceu inclinarse, da maneira como a balsa se inclinara, quando eles quatro haviam ficado em pé sobre o mesmo lado. Percebeu-a endireitar - se mas, de repente, compreendeu que a loucura - a verdadeira demência - talvez não estivesse muito distante.

O anel de futebol de Deke - Assembléia Geral, 1981 - escorregou lentamente do terceiro dedo de sua mão direita. A claridade das estrelas refletiu-se no ouro e brincou nos minúsculos sulcos entre os números gravados - 19, em um lado da pedra avermelhada, 81, no outro lado. O anel caiu-lhe do dedo. Era um pouco grande demais para encaixar-se na fenda e, naturalmente, não se comprimiria.

Ficou caído ali. Era tudo que restava de Deke, agora. Deke se fora. Nada mais de garotas de cabelos e olhos escuros, nada mais de bater no traseiro nu de Randy com uma toalha molhada, quando Randy saía do chuveiro, nada mais de corridas

antes do jogo pelo meio do campo, com fãs levantando-se na ponta dos pés nas arquibancadas e as chefes de torcida executando cabriolas histéricas nas linhas laterais. Nada mais de escapadas após o escurecer, no Camaro, com Thin Lizzy clamando "Os rapazes voltaram à cidade", no gravador do carro. Nada mais de Cisco Kid.

Houve aquele vago ruído arranhando novamente - uma lona enrolada, sendo lentamente puxada pela fenda de uma janela.

Randy estava em pé e descalço sobre as tábuas. Olhou para baixo e viu as fendas a cada lado dos dois pés subitamente cheias de pegajosa escuridão. Seus olhos esbugalharam-se. Pensou na maneira como o sangue jorrara da boca de Deke, quase semelhante a uma corda sólida, na maneira como os olhos dele haviam saltado, parecendo providos de molas, enquanto a hemorragia, provocada pela pressão hidrostática, esmagava-lhe o cérebro.

A coisa me fareja. Sabe que estou aqui. Conseguirá subir? Conseguirá subir pelas fendas? Conseguirá? Conseguirá?

Olhou para baixo, inconsciente do peso flácido de LaVeme, fascinado pela enormidade da questão, perguntando-me o que sentiria a coisa ao fluir sobre seus pés, quando se ancorasse neles.

O cintilar negro subiu quase até a borda das fendas (Randy ficou na ponta dos pés, sem mesmo perceber o que fazia) e depois desceu. Recomeçou o ruído de lona deslizando. De repente, Randy tornou a ver a coisa sobre a água, uma grande verruga escura, agora talvez a uns cinco metros de distância. Ela subia e descia com as pequeninas ondulações da superfície, subia e descia, subia e descia... e quando Randy começou a ver as cores pulsando uniformemente sobre ela, desviou os olhos para outro lado.

Colocou LaVeme sobre o piso, e tão logo ficou livre do peso, seus braços começaram a tremer loucamente. Deixou que tremessem. Ajoelhou-se ao lado dela, cujos cabelos espalhavam-se sobre as tábuas brancas, em um irregular leque escuro. De joelhos, ele ficou espiando aquela verruga escura na água, pronto para levantar La Veme novamente, se percebesse sinais de movimento na coisa.

Começou a bater-lhe nas faces de leve, primeiro em uma, depois na outra, repetindo a dose, como um segundo tentando animar um boxeador. LaVeme não queria voltar a si. Ela não queria atender ao indicador Siga e ganhar duzentos dólares ou dar uma volta no Trem-fantasma. LaVeme já vira o suficiente. Contudo, Randy não podia segurá-la a noite inteira, levantando-a como a um saco de lona, sempre que a coisa se movesse (e tampouco se podia ficar olhando demais para a coisa; aí estava outro detalhe). Ele aprendera um truque, no entanto. Não o aprendera na universidade, mas com um amigo de seu irmão mais velho. Esse amigo fora médico pára-quedista em Nam e conhecia todos os tipos de truques - como catar piolhos em um couro cabeludo humano e fazê-lo apostar corrida em uma caixa de fósforos como diluir cocaína em laxativo infantil, como costurar cortes fundos com agulha e linha comuns. Certo dia, quando conversavam sobre maneiras de despertar-se bêbados profundamente embriagados, para que esses bê-

bados profundamente embriagados não vomitassem as próprias gargantas e morressem, como Bon Scott, o cantor do AC/DC havia feito.

- Quer fazer alguém voltar a si rapidamente? - perguntara o amigo com o repertório de truques interessantes. - Experimente isto.

Então, ele lhe ensinou o truque que Randy ia usar agora.

Inclinando-se para LaVerne, ele lhe mordeu o lóbulo da orelha, o mais forte que pôde.

Sangue quente e acre espirrou em sua boca. As pálpebras de LaVerne se ergueram como persianas. Ela gritou, em uma voz rouca e rabujenta, depois o esmurrou com raiva. Randy olhou para cima e viu apenas a parte mais distante da coisa; o restante já estava debaixo da balsa. Ela se movera com uma fantástica, terrível e silenciosa velocidade.

Randy tornou a içar LaVerne, seus músculos gritando em protesto tentando enovelar-se em cãibras. Ela lhe batia no rosto. Uma de suas mãos atingiu-lhe o nariz sensível e ele viu estrelas vermelhas.

- Pare com isso! -gritou, deslizando os pés para as tábuas. -Pare com isso,,sua cretina, a coisa está debaixo de nós novamente! Pare ou eu a deixo cair, juro por Deus como deixo!

Os braços dela pararam imediatamente de agitar-se e se enrolaram quietamente em torno do pescoço de Randy, como em um abraço de afogado. Os olhos de LaVerne pareciam brancos, à claridade das estrelas.

- Pare com isso! - Ela não parou. - Pare, LaVerne, está me sufocando!

Ela apertou com mais força. O pânico aflorou à mente de Randy. O entrechocar cavo das barricas assumira uma nova mais seca, mais abafada. Era a coisa lá embaixo, pensou ele.

- Não posso respirar!

A pressão afrouxou um pouco.

- Agora, escute. Vou pôr você no chão. Tudo vai ficar bem, se você...

Ela, no entanto, ouvira apenas pôr você no chão. Seus braços enrolaram-se naquele aperto mortal novamente. Randy tinha a mão direita nas costas dela. Engalfinhou os dedos e arranhou-a. La Verne agitou as pernas, ganindo roucamente e, por um momento, ele quase perdeu o equilíbrio. Ela o percebeu. O medo, maior que a dor, fez com que parasse de lutar.

- Fique em pé nas tábuas.

- Não!

- A negativa saiu em um jato no rosto dele, quente como um vento do deser-

to.

- A coisa não poderá pegá-la, se ficar em pé nas tábuas.

- Não, não me ponha no chão! Ela vai me pegar, sei que vai, sei que vai...

Ele tornou a arranhar-lhe as costas. LaVerne gritou de raiva, de dor e medo.

- Fique em pé ou a deixo cair, LaVerne.

Ele abaixou, lenta e cuidadosamente, ambos respirando em haustos curtos,

chiantes - flauta e oboé. Os pés dela tocaram as tábuas. LaVerne encolheu as pernas para cima, como se as tábuas estivessem em brasa.

- Ponha os pés no chão! - sibilou Randy. - Eu não sou Deke, não agüento segurá-la a noite inteira!

- Deke...

- Está morto.

Os pés dela pousaram nas tábuas. Pouco a pouco, ele a foi largando. Ficaram à frente um do outro, como dançarinos. Randy podia vê-lo esperando o primeiro toque da coisa. A boca de LaVerne ofegou, como a de um peixe dourado.

- Randy - sussurrou ela. - Onde está a coisa?

- Embaixo. Olhe para baixo.

Ela olhou. Ele olhou também. Viram a escuridão que recheava as fendas, preenchendo-as agora por quase toda a extensão da balsa. Randy sentiu a ansiedade da coisa e pensou que LaVerne também a sentira.

- Randy, por favor...

- Pssst!

Os dois ficaram quietos.

Randy esquecera de tirar o relógio ao entrar na água e agora ele marcava quinze minutos. Às vinte e um quarto, a coisa negra tornou a deslizar para fora da balsa. Afastou-se até uns quatro, cinco metros e então parou, como fizera antes.

- Vou me sentar - disse Randy.

- Não!

- Estou cansado. Vou me sentar e você ficará vigiando. Lembre-se apenas de ficar olhando para longe. Depois eu me levanto e você fica sentada. Faremos assim. Tome - e ele lhe entregou o relógio. - Turnos de quinze minutos.

- Aquilo comeu Deke - sussurrou ela.

- Eu sei.

- O que é?

- Não sei.

- Estou com frio.

- Eu também.

- Então, me abrace.

- Já fiz isso o suficiente.

Ela pareceu conformar-se.

Sentar-se era o paraíso; não ter que vigiar a coisa era beatífico. Em vez disso, ele vigiou La Veme, certificando-se de que ela continuava desviando os olhos da coisa sobre a água.

- O que vamos fazer, Randy?

Ele refletiu.

- Esperar -disse.

Ao final de quinze minutos, Randy levantou-se e deixou que ela primeiro ficasse sentada e depois deitada, por meia hora. A seguir, fez com que La Verne se levantasse novamente e ela permaneceu em pé por quinze minutos. Continuaram

assim. Faltando quinze minutos para vinte e duas horas, uma fria côdea de lua subiu no céu e lançou uma trilha luminosa sobre a água. Às vinte e duas e trinta, ouviram um grito agudo e solitário ecoando através do lago. La Verne soltou um grito estridente.

- Cale a boca - disse ele. - Foi apenas um mergulhão-do-norte. Estou gelando, Randy... Estou toda dormente.

- Nada posso fazer quanto a isso.

- Abraça-me - pediu ela. - Você tem que me abraçar. Ficaremos abraçados, esquentando-nos. Podemos nos sentar, os dois, vigiar a coisa juntos.

Ele resistiu à idéia, mas o frio penetrava em sua carne, agora atingia os ossos.

- Está bem - disse.

Sentaram-se juntos, os braços passados um em torno do outro, e_algo aconteceu - natural ou perverso, mas aconteceu. Randy sentiu-se enrijecer. Uma de suas mãos encontrou o seio de La Verne, comprimiu-se sobre o náilon úmido e apertou. Ela emitiu o ruído de um suspiro e sua mão caminhou para a virilha da sunga.

Randy deslizou a outra mão para baixo e encontrou um lugar onde existia algum calor. Empurroú-a de leve, fez com que ela se deitasse.

- Não - disse LaVerne, mas a mão nas virilhas dele começou a mover-se mais depressa.

- Posso ver a coisa - disse Randy. As batidas de seu coração aumentavam de velocidade novamente, impedindo o sangue com mais rapidez para a superfície de sua pele nua e friorenta. - Posso vigiá-la.

LaVerne murmorou alguma coisa e ele sentiu o elástico descendo em seus quadris, até o alto das coxas. Vigiou a coisa. Randy deslizou para cima, depois para a frente. Penetrou-a. Calor. Ceús, LaVerne era quente ali, pelo menos. Ela deixou escapar um ruído gutural e seus dedos aferraram as nádegas frias e comprimidas do companheiro.

Randy continuou vigiando. A coisa não se movia. Vigiou-a. Vigiou-a atentamente. As sensações táteis eram incríveis, fantásticas. Sua experiência não era grande, mas tampouco permanecera virgem. Havia feito amor com três garotas, mas nunca havia sido assim. Ela gemeu e começou a erguer os quadris. A balsa balançava docemente, como o mais duro colchão d'água do mundo. Por baixo dela, as barricas murmuravam ocamente.

Randy vigiava a coisa. As cores começaram a girar - lentamente agora, sensualmente, não ameaçadoras; ele ficou espiando e viu as cores. Tinha os olhos arregalados. As cores estavam em suas pupilas. Não sentia mais frio agora; sentia calor, o calor que sentimos no primeiro dia de volta à praia, em princípios de junho, quando o sol nos espeta a pele branquicenta do inverno, avermelhando-a, dando-lhe alguma

(cores)

cor, alguma tonalidade. O primeiro dia na praia, primeiro dia de verão, sugerindo antigas canções dos Beach Boys, sugerindo os Ramones. Os Ramones lhe

diziam que Sheena é uma roqueira punk, os Ramones lhe diziam que você pode pegar carona até a praia Rockaway, para a areia, a praia, as cores

(movendo-se, a coisa começa a mover-se)

e a sensação do verão, sua contextura; Gary U.S. Bonds, o período letivo encerrou-se e eu posso torcer pelos Yankees das arquibancadas, garotas de biquíni na praia, a praia, a praia, oh, a gente ama, a gente ama

(ama)

a praia, a gente ama

(amo, eu amo/

seios firmes e fragrantes de óleo Coppertone, e se o fundilho do biquíni fosse diminuto o bastante, era possível ver-se alguns

(cabelos, seus cabelos, SEUS CABELOS ESTÃO NA OH, CÉUS, NA AGUA, SEUS CABELOS)

Ele recusou subitamente, tentando levantá-la, mas a coisa se movera com oleosa velocidade, enredando-se nos cabelos de LaVerne como uma espessa teia de cola negra. Quando Randy a ergueu, ela já estava gritando e estava pesada com a coisa; a coisa que saiu da água, em uma membrana contorcida e horripilante, que se enrolava em vívidas cores nucleares - escarlate, vermelhão, esmeralda cintilante, ocre opaco.

A membrana fluiu para o rosto de LaVerne, cobrindo-o como uma maré, obliterando-o.

Ela sacudia os pés, tamborilando a madeira do piso. A coisa se torcia e movia onde estivera o rosto de La Verne. O sangue lhe escorreu pelo pescoço em borbotões, Gritando, sem se ouvir gritar, Randy correu para ela, firmou o pé em sua anca e empurrou. Ela saiu rolando e caiu pela borda da balsa, as pernas como alabastro ao luar. Por alguns momentos intermináveis, a água agitou-se e bateu contra a lateral da balsa, como se alguém houvesse fisgado ali um peixe gigantesco, que se debatia como o diabo.

Randy gritou. Continuou gritando. E então, para vairar, gritou ainda mais.

Uma meia hora mais tarde, muito depois de terminada a frenética agitação na água, os mergulhões-do-norte gritaram em resposta.

Aquela noite foi eterna.

O céu começou a clarear no leste, quando faltava um quarto para as cinco. Randy sentiu-se um pouco mais animado. Foi uma animação momentânea apenas; era tão falsa como o amanhecer. Ficou em pé sobre as tábuas, de olhos semicerrados, o queixo fincado no peito. Estivera sentado nas tábuas até uma hora atrás, tendo despertado subitamente - até então sem mesmo saber que adormecera, a esta era a parte aterradora - por causa daquele indivisível som sibilante de lona. Saltou em pé, apenas segundos antes de aquele negrume começar a sugar com ânsia por ele, nas fendas entre as tábuas. Sua respiração sibilava, entrando e saindo; ele mordeu o lábio, fazendo-o sangrar.

Dormindo, roce estere dormindo, sele imbecil!

A coisa tornara a deslizar debaixo da balsa meia hora mais tarde, porém ele não tornou a sentar-se. Receava sentar-se, temia dormir novamente e sabia que, desta vez, sua mente não o faria acordar em tempo.

Seus pés continuavam firmemente plantados nas tábuas, quando uma claridade mais forte, o verdadeiro amanhecer, encheu o leste, e os primeiros pássaros matinais começaram a cantar. O sol nasceu e, por volta de seis horas, o dia estava claro o suficiente para permitir-lhe ver a praia. O Camaro de Deke, amarelo-vivo, estava bem lá onde seu dono o estacionara, encostado à estaca de cerca. Uma vívida fileira de camisas e suéteres, além de quatro jeans, se torcia em pequenas formas, até a praia. Aquela visão o encheu de renovado horror, quando pensava que sua capacidade para o horror já se exaurira. Podia avistar o sele jeans, uma perna virada pelo avesso, o forro do bolso aparecendo. Seu jeans parecias salvo, tão a salvo, jazendo lá na areia; apenas esperando que ele chegasse e virasse a perna de calça pelo direito, agarrando o bolso enquanto fazia isso, para que as moedas não caíssem. Quase podia ouvi-las sussurando contra sua perna, enquanto vestia as calças, podia sentir-se abotoando o botão de latão acima da braguilha...

(você amor, sim, ele amo)

Olhou para a esquerda e lá estava ela, negra, redonda como uma ficha de jogo, flutuando levemente. As cores começaram a girar através de sua superfície e ele virou rapidamente o rosto.

- Vá embora - grasnou. - Vá embora ou vá para a Califórnia e faça um teste para um filme de Roger Corman!

Um avião roncou em algum lugardistante e ele mergulhou em sonolenta fantasia: Fomos dados como desaparecidos, nos quatro. A busca se espalha, a partir de Horlicks. Uni,fir:,endeiro se lembra de ter visto passar um Camaro aramelo. "1-ocrndo como mm morce go, fugido do intèrno". A busca ce ntraliza-se ma área do Lago Cascade. Pilotos particulares qle re ce m-se paru « mcr rápida cbecagem uere a, e mm .sujeito, -.iítnbitido acima do lago em seu Be eclrcra'tt Tirin Bonanza, avista um rapazola na na balsa, tem rupaz.ola, um sobrevivente, rim...

Randy surpreendeu-se junto à borda novamente, quase caindo, e tornou a esmurrar o nariz, gritando com a dor.

A coisa negra partiu como flecha para a balsa, imediatamente, apertando-se debaixo dela - talvez pudesse ouvir, sentir... ou yaalgrver coisa.

Randy esperou.

Desta vez, passaram-se quarenta e cinco minutos, antes da coisa surgir à vista.

A mente de Randy orbitava lentamente à claridade que ia aumentando.

(você uma, sim, eu adoro torcer pelos Yankees e pelos Catfìsh você gosta dos Catfìsh, sim, eu gosto de

(Rota 66, lembra-se do Cone tte de Ge orge Maharis, Marfim Milner no Cone tte, no Corvette, você gosta de Corvette

(sim, e rr gosto do Corvette

(ele amo, voe ê• erma

(o sol está tão quente, é como um vidro queimando, estava nos cabelos dela, é a luz que mais recordo, a luz do verão, luz

(a luz do verão, ao)

entardecer.

Randy estava chorando.

Ele chorava, porque agora havia sido acrescentado algo novo... A cada vez que'.entava sentar-se, a coisa deslizava para baixo da balsa. Portanto, ela não era totalr,iente estúpida; pressentia ou imaginava que podia agarrá-lo, enquanto estava sentado.

- Vá embora! - soluçou ele, dirigindo-se à grande verruga negra que flutuava na água. A cinqüenta metros de distância, zombeteiramente próximo, um esquilo saltitava de um lado para outro, no capô do Camaro de Deke. - Vá embora, por favor, vá para qualquer lugar, mas me deixe em paz! Não gosto de você! Não a amo!

A coisa não se movia. As cores começaram a girar através de sua superfície visível.

(você, me ama, você me ama)

Randy desviou os olhos e contemplou a praia, procurou socorro, mas lá não havia ninguém, absolutamente ninguém. Seu jeans continuava lá, uma perna virada pelo aveso, o forro branco do bolso aparecendo. Suas calças não davam mais a impressão de que seriam recolhidas por alguém. Pareciam relíquias.

Ele pensou: Se e u tivesse uma arma, agora poderia matar-me.

Ficou em pé na balsa.

O sol escondeu-se.

Horas mais tarde, a lua apareceu.

Não muito depois disso, os mergulhões-do-norte começaram a gritar.

Não muito depois disso, Randy se virou e olhou para a coisa negra na água. Não podia matar-se, mas talvez a coisa desse um jeito, sem que houvesse dor alguja; talvez fosse para isso que havia as cores.

(você me ama você me ama você me ama)

Olhou para ela, e lá estava, flutuando, ao sabor das ondas.

- Cante comigo - grasnou Randy. - Posso torcer pelos Yankees das arquibancadas... Não tenho de me preocupar com professores... Estou tão alegre porque as aulas terminaram... Eu vou... cantar e gritar.

As cores começaram a formar-se e contorcer-se. Desta vez, Randy não desviou os olhos.

- Você ama? - sussurou ele.

Em algum ponto bem distante, através do lago vazio, um mergulhão-do-norte piou.